

MARINA SORAIA MONTEIRO SOUSA

EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA E
VIOLÊNCIA NA RELAÇÃO DE INTIMIDADE: O
PAPEL MODERADOR E MEDIADOR DA
VINCULAÇÃO

Orientadora Científica: Professora Doutora Joana Cabral

**Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto**

Porto
2015

Marina Soraia Monteiro Sousa

**Experiências adversas na infância e violência na
relação de intimidade: o papel moderador e
mediador da vinculação**

**Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde**

Orientadora científica: Professora Doutora Joana Cabral

Composição do júri: Presidente - Prof. Doutora Inês Martins Jongenelen;
Arguente - Prof. Doutora Ana Isabel Sani; Orientador – Prof. Doutora Joana Maria
Barreto Ramos de Almeida Cabral

Data do ato público de defesa: 17-12-2015

Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

Porto
2015

Agradecimentos

À professora Joana Cabral, por toda a dedicação que teve para comigo e por ter sido um apoio importantíssimo nesta longa caminhada. Agradeço-lhe todos os conhecimentos que me transmitiu e pelos encorajamentos que sempre me deu.

Aos meus pais, a quem agradeço imenso todos os esforços que fizeram para que pudesse chegar até aqui e para que pudesse ser quem sou hoje. Obrigada por tudo o que fazem por mim e por nunca me deixarem baixar os braços. Obrigada por todas as palavras de apoio que me transmitiram e por serem tão pacientes comigo. São as pessoas mais importantes para mim, amo-vos!

Ao Marcos, meu querido irmão, por seres um dos pilares da minha vida. Obrigada por todas as palavras de carinho e pelos abraços tão reconfortantes que me dás. Sem te aperceberes e em gestos tão simples, foste-me dando a força que tanto precisei.

Ao Ricardo, o amor da minha vida, obrigada por tudo o que fazes por mim. És a pessoa que me faz viver a vida repleta de felicidade, a pessoa que me ampara e me protege de uma forma inexplicável. Dás-me a paz e a segurança que tanto preciso e procuro. Obrigada por permitires que partilhe contigo os meus momentos de angústia e de aflição, obrigada por toda a dedicação que me dás. Amo-te, para toda a vida. És o melhor de mim.

Aos meus avós, por me darem a força que sempre precisei. São pessoas fundamentais na minha vida, que sempre me auxiliaram a crescer e a ser melhor.

À minha avó Camila, que apesar de ser uma estrelinha junto de Deus, sei que está orgulhosa de mim. Sei que, esteja onde estiver, está a sorrir por ter vencido esta enorme etapa.

Às minhas amigas desta caminhada, Carla, Joana, Carole e Jackeline. Um muito obrigada por todos os momentos fantásticos que partilhamos juntas. Guardar-vos-ei no meu coração eternamente.

“Deus é o dono de tudo. A Ele devo a oportunidade que tive de chegar onde cheguei. Muitas pessoas têm essa capacidade, mas não têm essa oportunidade.

Ele deu-ma a mim, não sei porquê. Sei que não posso desperdiçá-la.”

Ayrton Senna

Resumo

O presente estudo teve como principais objetivos: (1) explorar e compreender a associação entre as experiências adversas precoces e a violência na relação de intimidade (VRI); (2) explorar a associação entre vinculação e VRI; (3) explorar o efeito mediador da qualidade de vinculação aos pais e ao par romântico na associação acima referida; (4) e compreender em que medida a qualidade securizante da vinculação se pode constituir como um fator protetor perante as experiências adversas precoces. Participaram 321 jovens adultos ($M = 21,70$; $DP = 2,46$), sendo 208 (64,8%) do sexo feminino. O protocolo incluiu: o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (adaptação Saavedra *et al.*, 2008), o Adverse Childhood Experiences (adaptação Pinto & Maia, 2013), o Perceptions of Adult Attachment Questionnaire (adaptação Cabral & Peres, 2013), o Questionário de Vinculação Amorosa (Barbosa, Matos & Costa, 2001) e o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001). Os resultados sugerem que as experiências adversas na infância se refletem na insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico e que esta, por sua vez, prediz a perpetuação de violência na relação de intimidade. Mais ainda, a vinculação à mãe e ao par romântico medeia a associação entre as experiências adversas e a VRI. Não se confirma o efeito moderador da vinculação na associação entre experiências adversas e VRI. Além do investimento na sensibilização acerca dos fenómenos da experiência adversa na infância e da violência nas relações de intimidade, importa ainda que a intervenção com sujeitos que experienciaram situações adversas na infância se foque na reorganização das representações de vinculação, contribuindo assim para a promoção de relacionamentos íntimos adaptativos.

Palavras-chave: experiências adversas precoces; vinculação; violência na relação de intimidade.

Abstract

The present study had four main goals: (1) to explore and understand the association between early adverse experiences and intimate partner violence (VRI); (2) to explore the association between attachment and VRI; (3) to explore the mediating effect of attachment to parents and romantic partner in this association; (4) and to explore if attachment security may have act as a protective factor in face of early adverse experiences. Participants are 321 young adults ($M = 21.70$, $SD = 2.46$), 208 (64.8%) female. The following instruments were administered: Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (adaptation Saavedra *et al.*, 2008), Adverse Childhood Experiences (Pinto & Maia adaptation, 2013) Perceptions of Adult Attachment Questionnaire (Cabral & Peres adaptation, 2013), Romantic Attachment Questionnaire (Barbosa, Matos & Costa, 2001) and Father and Mother Attachment Questionnaire (Matos & Costa, 2001). Results suggest that adverse childhood experiences reflects in attachment insecurity to mother and romantic partner which, in turn, predicts the perpetration of intimate partner violence. Moreover, attachment to mother and romantic partner mediates the association between the adverse experiences and VRI. The moderating effect of attachment on the association between adverse experiences and VRI was not confirmed. Promotion of awareness towards the phenomena of adverse childhood experiences and intimate partner violence is crucial, but not sufficient. It is essential that intervention with individuals who have experienced adversity in childhood, focus on the reorganization of attachment representations, thus contributing to the promotion of adaptive intimate relationships.

Keywords: childhood adverse experiences; attachment; intimate partner violence.

A investigação com sujeitos que experienciam violência na relação de intimidade (VRI) têm revelado que estes apresentam diversas dificuldades ao nível psicológico (e.g., diminuição da auto-estima, auto-culpabilização), emocional (e.g., depressão, raiva), bem como ao nível cognitivo, ao nível profissional e ao nível físico (e.g., abuso de substâncias, doença gastrointestinal crónica e complicações cardiovasculares) (para uma revisão ver Shorey, Cornelius & Bell, 2008).

De acordo com a Direção Geral da Saúde (2011) e com Alberto (2006) o maltrato em crianças e jovens consiste em qualquer ação ou omissão não accidental, perpetrada pelos pais, cuidadores ou outrem, que ameaça a segurança, a dignidade e o desenvolvimento biopsicossocial e afetivo da vítima. Assim, por maltrato entende-se quer o abuso físico, psicológico/emocional e sexual, quer a negligência.

Para além dos abusos acima referidos, a exposição à violência na família também se constituiu como uma forma de maltrato (Afifi & MacMillan, 2011). Sternberg e colaboradores (2006 *cit. in* Martinez-Torteya, Anne Bogat, Von Eye & Levendosky, 2009) referiram que a exposição à violência na família é suscetível de (i) perturbar o desenvolvimento de competências básicas ameaçando a capacidade da criança processar e regular as emoções de forma adaptativa (ii) e aumentar a internalização e externalização de comportamentos. Os dados acima referidos vão ao encontro dos resultados de outros estudos que constataam que a exposição constante à violência na família prediz o desenvolvimento de problemas de internalização e externalização (e.g. Martinez-Torteya *et al.*, 2009). Mais ainda, a experiência de violência doméstica na infância parece influenciar negativamente as relações interpessoais e o desenvolvimento na infância e, consequentemente, na adolescência e jovem adultícia (Gewirtz & Edleson, 2007).

O maltrato na infância poderá resultar numa desorganização psicológica na criança (Cassidy & Mohr, 2001 *cit. in* Riggs, Cusimano & Benson, 2011), que por sua vez contribuirá para o desenvolvimento futuro de distúrbios emocionais, cognitivos e relacionais (Bifulco, Moran, Baines, Bunn, & Stanford, 2002; Ferguson & Dacey, 1997; Messman-Moore & Coates, 2007 *cit. in* Riggs *et al.*, 2011). Mais ainda, os estudos revelam que o maltrato na infância tende a estar associado não apenas a problemas emocionais (e.g. depressão), mas também a diversos comportamentos de risco nomeadamente de agressão e violência (Maas, Herrenkohl, & Sousa, 2008; Stouthamer-Loeber, Loeber, Homish, & Wei, 2001;

Smith & Thornberry, 1995 *cit. in* Sousa, Herrenkohl, Moylan, Tajima, Klika, Herrenkohl & Russo, 2011). Vários são os estudos que têm sustentado uma relação entre experiências adversas precoces e a VRI (e.g. Wolf & Foshee, 2003 *cit. in* Caridade & Machado, 2006).

O estabelecimento de relações íntimas é visto como uma tarefa-chave de desenvolvimento da adolescência e jovem adultícia (Masten & Coatsworth, 1998 *cit. in* Hamby & Grych, 2013). Estas relações oferecem oportunidades para desenvolver uma maior intimidade e proximidade emocional e para expressar e satisfazer necessidades e sentimentos sexuais. No entanto, podem também constituir-se como um *novo* contexto de potencial exposição à violência (Malik *et al.*, 1997; Wolitzky-Taylor *et al.*, 2008 *cit. in* Hamby & Grych, 2013).

Além das experiências adversas, também a vinculação tem sido incluída com variável explicativa do VRI (Allison, Bartholomew, Mayseless & Dutton, 2008). O conceito de vinculação remete para um sistema comportamental biologicamente pré-determinado para garantir a segurança física, psicológica e emocional, com base na procura de proximidade com os cuidadores primários. Sendo o funcionamento deste sistema baseado na correção pelo objetivo (restabelecimento do sentido de segurança interna) (Bowlby, 1969/1978 *cit. in* Cabral, 2011), vários autores identificaram padrões de vinculação decorrentes das características específicas das experiências de vinculação ao longo do ciclo vital. A investigação sustenta ainda a premissa havendo acordo na distinção entre vinculação segura e insegura, distinguem-se ainda ao nível da vinculação insegura duas ou três principais configurações distintas: o estilo ansioso/ambivalente ou preocupado, o evitante ou desinvestido e o evitante amedrontado. A vinculação segura tende a caracterizar-se por um conforto com a intimidade e dependência em relação ao outro e por um modelo positivo no *self*; a vinculação ansiosa/ambivalente ou preocupada caracteriza-se pela necessidade extrema de procurar apoio no outro e de se preocupar com o abandono; a vinculação evitante tende a caracterizar-se por um desconforto à intimidade e proximidade emocional, por uma desconfiança dos outros e por uma ênfase na autossuficiência e independência; a vinculação amedrontada tende a caracterizar-se por um evitamento da intimidade e proximidade das relações, que advém do medo intenso de envolvimento, antecipando que esse envolvimento poderá levar à rejeição. Vêm as outras pessoas com desconfiança e

com um sentido de insegurança e ameaça (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987 *cit. in* Cabral, 2011).

O conceito de vinculação tem desde a sua concepção uma relação estreita com a adversidade no contexto das relações de prestação de cuidados. Segundo Bowlby (1969, 1973 *cit. in* Godbout, Dutton, Lussier, Sabourin, 2009) se a figura de vinculação não se mostrar disponível e responsiva, a criança experiencia medo e angústia, conseqüentemente desenvolvendo uma vinculação insegura. De acordo com um modelo desenvolvido por Riggs (2010), o abuso emocional perpetrado pelas figuras de vinculação na infância e primeira infância, contribui para o desenvolvimento de uma vinculação insegura. A vinculação insegura é frequentemente encontrada em crianças com experiências de abuso e negligência (Alexander, 1992; Rosenstein & Horowitz, 1996 *cit. in* Shapiro & Levendosky, 1999). O abuso físico na infância pode traduzir-se numa vinculação evitante ou desinvestida enquanto que a negligência pode traduzir-se numa vinculação ansiosa ou preocupada (Finzi, Cohen, Sapir & Weizman, 2000; Finzi, Ram, Har-Mesmo, Shnit, & Weizman, 2001). Segundo Godbout e colaboradores (2009), as crianças maltratadas e crianças que testemunharam violência, estão em maior risco de desenvolver uma vinculação insegura com os seus cuidadores e tendem a manter este tipo de vinculação na idade adulta.

Segundo Lyons-Ruth e Jacobvitz (2008 *cit. in* Dutton & White, 2012) as crianças que possuem um estilo de vinculação ansioso-ambivalente, provavelmente experienciaram respostas inapropriadas ou inadequadas dos seus cuidadores, ou vêm-nos como sendo inconsistentes. Quando esse padrão persiste na idade adulta, é normalmente considerado um estilo de vinculação preocupado ou amedrontado (Mikulincer & Shaver, 2007 *cit. in* Dutton & White, 2012).

Segundo Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Shorey, Cornelius & Bell, 2008) a qualidade de relação de vinculação estabelecida com as figuras parentais tende a influenciar a qualidade de relação com os parceiros românticos. Experiências de cuidados inconsistentes, aversivas e/ou não responsivas mostram-se associadas a dificuldades nas relações de intimidade. Já a prestação de cuidados responsiva e consistente tende a traduzir-se numa vinculação segura e, por sua vez, em relações de intimidade mais gratificantes, estáveis e satisfatórias. Indivíduos com vinculação segura descrevem os seus relacionamentos como confiantes, amigáveis, afetuosos

e duradouros. Quanto aos indivíduos com vinculação insegura descrevem relacionamentos emocionalmente instáveis.

O desenvolvimento de uma vinculação segura está associada a modelos positivos dos outros, vistos como afetuosos e de confiança e a modelos positivos de si como merecedor de carinho e cuidados (Hamby & Grych, 2013). Assim sendo, indivíduos que na infância experienciaram relações de vinculação emocionalmente abusivas estarão em clara desvantagem em contextos interpessoais, podendo desenvolver uma representação distorcida dos relacionamentos amorosos e dos parceiros (Riggs, 2010 *cit. in* Riggs *et al.*, 2011). Alguns estudos demonstram que crianças que foram maltratadas apresentam com frequência modelos representacionais inseguros na idade adulta (e.g., Alexander, 1993; Crittenden, Partridges, & Claussen, 1991 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003). Adicionalmente, outros estudos demonstram que indivíduos cujos modelos representacionais são inseguros apresentam maiores dificuldades no relacionamento íntimo (e.g., Hazan & Shaver, 1987; Shaver & Hazan, 1993 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003) e são mais frequentemente vítimas e/ou perpetradoras de abusos nas relações amorosas (e.g., Dutton, Saunders, Starzomski, & Bartholomew, 1994; Wekerle & Wolfe, 1998 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003).

As experiências de abuso, tanto perpetradas como recebidas, têm sido relacionadas com a experiência de ansiedade, característica dos estilos de vinculação amedrontado e preocupado (Henderson, Bartholomew, Trinke & Kwong, 2005). De acordo com um estudo de Bookwala e Zdaniuk (1998 *cit. in* Henderson *et al.*, 2005), os jovens adultos envolvidos em relacionamentos mutuamente agressivos apresentaram uma pontuação mais elevada na vinculação preocupada e amedrontada, comparativamente aos envolvidos em relacionamentos não agressivos.

Estudos realizados por Henderson e colaboradores (1997 *cit. in* Henderson *et al.*, 2005; Henderson *et al.*, 2005) revelam que 88% das mulheres que tinham deixado recentemente um relacionamento abusivo, apresentavam um estilo de vinculação predominantemente amedrontado ou preocupado. Constatou-se também que as mulheres com estilo de vinculação preocupado tendem a permanecer em relacionamentos abusivos devido à sua tendência para desculpar o abuso do seu parceiro e podem apresentar um risco elevado de regresso aos parceiros abusivos.

Um estudo de Rogers, Bidwell e Wilson (2005) revelou que sujeitos com estilo de vinculação insegura eram considerados mais abusivos comparativamente com aqueles com vinculação segura. A ansiedade nas relações de vinculação tem sido também associada ao abuso dirigido ao parceiro romântico (Davis, Shaver, e Vernon, 2003 *cit. in* Rapoza & Baker, 2008), tanto de abuso psicológico como físico (Henderson *et al.*, 2005). Num estudo de Henderson e colaboradores (2005) verifica-se uma associação entre o estilo de vinculação preocupado e o abuso íntimo. Este estilo de vinculação foi preditivo de abuso, independentemente do sexo e dos estilos de vinculação do parceiro. Homens com um estilo de vinculação preocupado revelaram-se mais propensos a apresentar comportamentos agressivos em relação ao par romântico e mais propensos a responder com violência ao possível afastamento da sua esposa (Rogers *et al.*, 2005).

O estilo de vinculação evitante está também associado a níveis superiores de comportamentos sexuais coercivos nos relacionamentos íntimos, podendo ainda resultar num distanciamento psicológico face ao parceiro (Smallbone & Dadds, 2001 *cit. in* Levendosky *et al.*, 2012). Indivíduos com estilo de vinculação preocupado, quando perante um conflito, podem interpretar o evitamento do parceiro como rejeição e, conseqüentemente, intensificar a proximidade como forma de evitar o abandono. No entanto, indivíduos com estilo de vinculação evitante tendem a afastar-se emocionalmente do parceiro e percebem as manifestações e tentativas de procura de proximidade por parte do parceiro como manifestações de dependência.

Apesar da investigação ter, até ao momento, estado focada no efeito comprometedor da vinculação na VRI, importa também considerar a vinculação enquanto fator protetor. A vinculação segura pode ser um importante fator de proteção (Luthar, 2006 *cit. in* Ungar, 2012), na medida em que tende a estar associada a modos mais construtivos de regulação emocional e *coping* (Cabral, Matos, Beyers & Soenens, 2012). Mais concretamente, a vinculação segura desenvolvida na infância tem sido associada a níveis inferiores tanto de perpretação como de vitimação de abuso emocional (O'Hearn, Daris e Keith, 1997 *cit. in* Rapoza, 2002).

Algumas crianças mostram-se resilientes face ao maltrato ou adversidade, mostrando-se capazes de funcionar adaptativamente após exposição a experiências de alto risco e/ou trauma prolongado (Masten, 2001). A investigação

tem revelado que crianças maltratadas poderão recuperar da vinculação insegura da primeira infância e estabelecer relações seguras com os parceiros românticos (Roisman, Padron, Sroufe & Egeland, 2002 *cit. in* Ungar, 2012) e, por outro lado, uma parte assinalável das crianças expostas à violência não se revelam perpetradores de VRI enquanto adultas (Levendosky, 2013).

Vários são os fatores de proteção associados à resiliência: temperamento fácil, maior capacidade cognitiva (Masten *et al.*, 1999; Tiet *et al.*, 1998; Wyman *et al.*, 1999 *cit. in* Martinez-Torteya *et al.*, 2009), ausência de depressão materna (Martinez-Torteya *et al.*, 2009), otimismo, baixa auto-culpabilização, menor stresse familiar, maior autoregulação (Afifi & MacMillan, 2011). Para além destes fatores, a vinculação segura e a parentalidade positiva constituem-se como experiências cruciais para superar a adversidade. Contextos de parentalidade positiva e consistente, tendem a proporcionar uma melhor capacidade de adaptação a longo prazo (Levendosky, 2003 *cit. in* Howell, Graham-Bermann, Czyz & Lilly, 2010).

Embora o efeito protetor da vinculação já tenha sido explorado pela investigação na área das experiências adversas e da VRI, menos atenção tem sido dada ao papel mediador da vinculação na associação entre as experiências adversas e a VRI. Contudo, os resultados de um estudo de Bifulco e colaboradores (2006 *cit. in* Hinnen, Sanderman & Sprangers, 2008) indicaram que a vinculação (insegura) medeia a associação entre experiências adversas na infância e o risco de desenvolver uma perturbação do humor, sugerindo o seu papel mediador na associação entre adversidade e as suas consequências. Importa assim explorar se este efeito se verifica na associação entre as experiências adversas e VRI.

Em suma, vários estudos constataram que as experiências adversas precoces estão associadas à VRI, contudo esta relação não é linear e determinista. Mais ainda, a vinculação tem sido associada tanto às experiências adversas precoces como à VRI. Embora escassos, alguns estudos têm já analisado o potencial efeito protetor da vinculação na associação entre as experiências adversas precoces e a VRI. Assim, neste estudo tentar-se-á explorar o papel moderador da vinculação aos pais e ao par romântico, com o objetivo de compreender o potencial efeito protetor que a vinculação segura poderá exercer perante a adversidade, permitindo relações de intimidade mais adaptativas e caracterizadas pela ausência de VRI. Contudo e considerando que não foram encontrados estudos que testem o papel da vinculação aos pais e ao par romântico

como mediadores da relação (direta) entre as experiências adversas e a VRI, a novidade do presente estudo será o foco no papel mediador da vinculação.

O principal **objetivo** deste estudo consiste em explorar e contribuir para a compreensão da associação entre as experiências adversas na infância e a violência na relação de intimidade. Pretende-se ainda explorar a associação entre vinculação e VRI. Com este propósito, analisar-se-á o papel moderador e mediador da vinculação aos pais e ao par romântico. Pretende-se compreender em que medida uma vinculação segura poderá exercer um papel protetor perante a adversidade precoce, contribuindo para o estabelecimento de relações íntimas adaptativas enquanto jovens adultos. Mais ainda, explorar-se-á o efeito mediador da qualidade de vinculação aos pais e ao par romântico na associação acima referida.

Para este estudo foram desenvolvidas as seguintes hipóteses:

- Hipóteses centradas nas variáveis (*variable-centered*):

H1. Espera-se que níveis superiores de experiência adversa precoce sejam preditores de níveis superiores de VRI.

H2. Espera-se que níveis superiores de experiência adversa precoce sejam preditores de níveis superiores de insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico (H2.1.), que estes, por sua vez, sejam preditores de níveis superiores de VRI (H2.2.) e que, a associação entre experiências adversas precoces e VRI seja mediada pela qualidade de vinculação à mãe e ao par romântico (H2.3).

H3. Espera-se que a associação entre experiências adversas precoces e VRI seja moderada pela qualidade de vinculação à mãe e ao par romântico.

- Hipóteses exploratórias centradas no sujeito (*person-centered*):

H4. Espera-se que o estilo de vinculação desinvestido esteja associado a níveis superiores de abuso na infância comparativamente com o estilo de vinculação seguro.

H5. Espera-se que o estilo de vinculação preocupado esteja associado a níveis superiores de negligência na infância comparativamente com o estilo de vinculação seguro.

Método

Participantes

Neste estudo participaram 321 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 21,70$; $DP = 2,46$), sendo 109 sujeitos (34,0%) do sexo masculino e 208 (64,8%) do sexo feminino. A grande maioria dos sujeitos são estudantes (92,5%; $n = 297$), vivem com os pais, irmão(s) e/ou avó(s) (39,3%; $n = 126$) e têm atualmente uma relação amorosa (64,2%; $n = 206$). Como critério de inclusão da amostra, exigiu-se que os participantes tivessem uma relação ou já tivessem tido no passado. A duração média da relação é de 28 meses ($DP = 22,36$).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico: Questionário constituído por questões relacionadas com a idade, sexo, agregado familiar, escolaridade e situação profissional da mãe e do pai.

CADRI (Saavedra, Machado, Martins & Vieira, 2008): Adaptado da versão original de Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley e Straatman (2001), o CADRI permite avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos não abusivas e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes (Saavedra, 2010). Permite medir também a ocorrência de formas específicas de abuso: comportamento ameaçador, abuso relacional, abuso físico, abuso sexual e abuso emocional ou verbal (Lewis, 2010). Consiste num questionário de auto-relato composto por 35 itens, dirigido a jovens (alunos do ensino secundário ou com idade superior a 14 anos) com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas, que permite fazer a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do parceiro (Saavedra, 2010). A cotação dos itens do instrumento varia de 1 a 6 numa escala tipo *likert*, de acordo com frequência da ocorrência.

Deste instrumento será apenas utilizado no estudo em causa o *score* total das estratégias de resolução de conflito abusivas cuja consistência interna é adequada ($\alpha = .88$).

ACE (Pinto & Maia, 2013): Este instrumento, adaptado da versão original de Felitti e Anda (1998) é um questionário de autorrelato para adultos, que pretende avaliar a ocorrência de experiências de adversidade na infância (Silva & Maia, 2008). Consiste num questionário que avalia 10 categorias que se agrupam em três dimensões, ou seja, (i) contra o indivíduo (abuso emocional, físico e sexual), (ii) ambiente familiar disfuncional (abuso de substâncias, doença mental ou suicídio, exposição a violência doméstica, prisão de um membro da família e divórcio ou separação parental) e (iii) negligência (física e emocional) (Silva & Maia, 2008, 2010). No que diz respeito à escala de resposta deste questionário, esta está organizada em questões dicotômicas, do tipo *likert* e respostas breves.

PAAQ (Lichtenstein & Cassidy, 1991): Adaptado por Cabral e Peres (2013), o PAAQ consiste num questionário multidimensional com um total de 60 itens com o objetivo de avaliar dois aspetos fundamentais da vinculação, ou seja, (i) a perceção individual face a experiências precoces de vinculação com o primeiro cuidador (habitualmente a mãe) (ii) e o estatuto ou representação atual da vinculação. Estes dois aspetos são avaliados através de 8 subescalas que permitem avaliar oito dimensões da vinculação (Cassidy, Phelps, Sibrava, Thomas & Borkovec, 2009). Para este estudo, foram apenas usadas as subescalas da integração da experiência negativa e relato de ausência de memória. Estas subescalas estão relacionadas com a *organização* ou com a representação atual do sujeito em relação à vinculação (Peres, 2013). Quanto à consistência interna, a dimensão integração da experiência negativa apresenta uma consistência interna baixa ($\alpha = .68$), embora próxima de valores aceitáveis. No que diz respeito à dimensão relato de ausência de memória, esta apresenta uma consistência interna muito boa ($\alpha = .90$).

QVA (Barbosa, Matos & Costa, 2001): Este instrumento permite avaliar a vinculação para com o par amoroso (Barbosa, Matos & Costa, 2011). A versão breve adaptada e usada no presente estudo, é composta por 40 itens (em vez dos 52 da versão original) e tem como objetivo avaliar as perceções dos adolescentes, jovens adultos e adultos acerca da vinculação com seu parceiro amoroso (atual ou passado). Avalia quatro dimensões, nomeadamente, Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência (Barbosa, Matos & Costa, 2011). A escala de resposta

varia de 1 a 6 numa escala de concordância tipo *likert*. Relativamente à consistência interna do instrumento, o questionário revelou uma boa consistência interna: subescala confiança, $\alpha = .87$; subescala dependência, $\alpha = .84$; subescala evitamento, $\alpha = .87$ e subescala ambivalência, $\alpha = .90$.

QVPM (Matos & Costa, 2001): Este instrumento consiste num questionário de auto-relato constituído por 30 itens que pretende avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das figuras parentais, com base em três dimensões importantes compostas por 10 itens cada, ou seja, a Qualidade do laço emocional (QLE), a Ansiedade de separação (AS) e a Inibição da exploração e individualidade (IEI) (Rocha, Mota & Matos, 2011). O formato da resposta implica uma escala tipo *likert* de seis pontos, que é realizada para o pai e mãe respetivamente (Rocha, Mota & Matos, 2011). Este instrumento apresenta uma boa consistência interna relativamente às três dimensões, ou seja: dimensão IEI revela um $\alpha = .85$ na versão pai e um $\alpha = .85$ na versão mãe; dimensão QLE revela um $\alpha = .95$ na versão pai e um $\alpha = .91$ na versão mãe; a dimensão AS revela um $\alpha = .86$ na versão pai e um $\alpha = .84$ na versão mãe.

Procedimentos

Para efeitos de investigação, foi requerido aos autores das adaptações dos instrumentos a autorização para a utilização dos mesmos, tendo em conta o código ético e deontológico. Inicialmente foi realizado um pedido de autorização para recolher dados junto das instituições do Ensino Superior (Universidade Lusófona do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Viseu). Foram também elaborados e distribuídos consentimentos informados para todos os participantes do estudo e para as instituições, onde são explicados quais os objetivos do estudo, o carácter voluntário da participação e a confidencialidade e anonimato da recolha e do tratamento dos dados. No que diz respeito à recolha de dados em contexto de sala de aula, esta decorreu entre os meses de Abril e Maio de 2013. O procedimento utilizado para a seleção da amostra foi o de amostragem por conveniência. Os questionários foram também entregues a alguns estudantes da Universidade Lusófona do Porto que participaram na recolha de dados distribuindo os protocolos junto de jovens adultos da sua rede de relações. Os protocolos foram entregues conjuntamente com um envelope para que os sujeitos

os pudessem entregar preenchidos dentro do envelope selado, com o intuito de garantir total confidencialidade e anonimato. Foram efetuadas várias versões do protocolo, com os questionários colocados em ordens distintas, de modo a evitar enviesamentos decorrentes do efeito de fadiga e da adoção de uma rotina de resposta. Uma parte da recolha de dados foi efetuada através do protocolo *online* e através da metodologia bola-de-neve, com o objetivo de garantir que na amostra constavam quer jovens adultos estudantes de ensino superior, quer outros estudantes e não estudantes.

Resultados

A maioria das hipóteses (à exceção das hipóteses 4 e 5) foram testadas com base na análise de equações estruturais.

A multicolinearidade foi avaliada com a estatística *VIF*, cujos valores foram calculados com o *SPSS Statistics*. Nenhuma variável incluída nas análises de regressão apresentou valores de *VIF* indicadores de multicolinearidade. A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de *Mahalanobis* (D^2) e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (*sk*) e curtose (*ku*) uni e multivariada. Verificou-se a existência de 22 observações que apresentaram valores de DM^2 que sugeriram que essas observações eram observações aberrantes (p_1 e p_2 inferior a .05), contudo os resultados mantiveram-se após a eliminação dessas mesmas observações. Quanto à normalidade, nenhuma variável apresentou valores de *sk* e *ku* indicadores de violação deste pressuposto ($|sk| < 3$ e $|ku| < 10$).

No que diz respeito à hipótese 1 (espera-se que níveis superiores de experiência adversa precoce sejam preditores de níveis superiores de VRI), pode-se verificar que a trajetória experiência adversa $\rightarrow$ VRI ($\beta = .17$; $p < .001$) é estatisticamente significativa, confirmando-se a hipótese de que níveis superiores de experiência adversa predizem níveis superiores de violência na relação de intimidade.

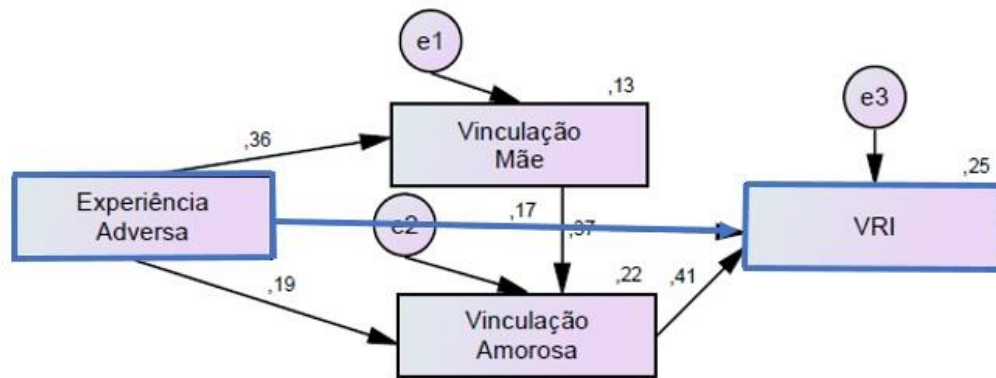


Figura 1. Predição da VRI pela experiência adversa.

Relativamente à hipótese 2.1. (espera-se que níveis superiores de experiência adversa precoce sejam preditores de níveis superiores de insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico), verificou-se que a trajetória experiência adversa → vinculação à mãe ($\beta = .36$; $p < .001$) é estatisticamente significativa. A trajetória experiência adversa → vinculação amorosa ($\beta = .19$; $p < .001$) também se traduz como sendo estatisticamente significativa. Posto isto, a hipótese é confirmada, sendo que níveis superiores de experiência adversa, predizem níveis superiores de insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico.

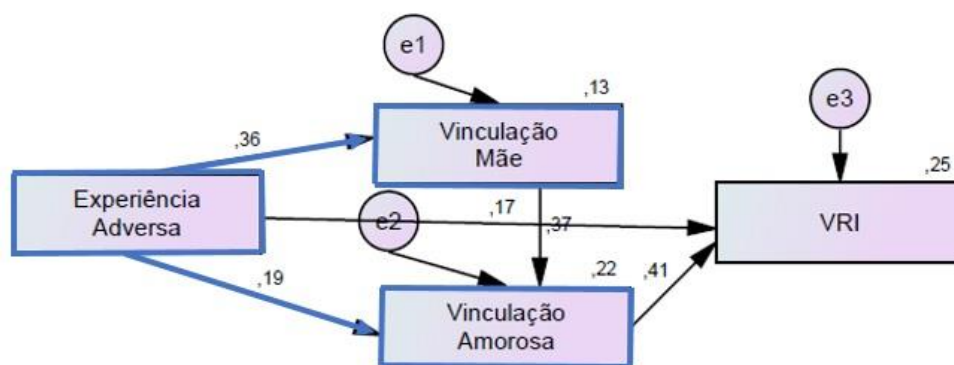


Figura 2. Predição da vinculação à mãe e ao par romântico pelas experiências adversas.

Quanto à hipótese 2.2. (espera-se que níveis superiores de insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico sejam preditores de níveis superiores de VRI), a trajetória vinculação amorosa → VRI ($\beta = .41$; $p < .001$) é estatisticamente significativa. A vinculação à mãe é também preditora da VRI sendo este efeito mediado pela vinculação ao par romântico, verificando-se um efeito indireto significativo (efeito indireto de .15; $p < .0001$). Logo, a hipótese confirma-se, sendo

que níveis superiores de insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico predizem níveis superiores de violência na relação de intimidade.

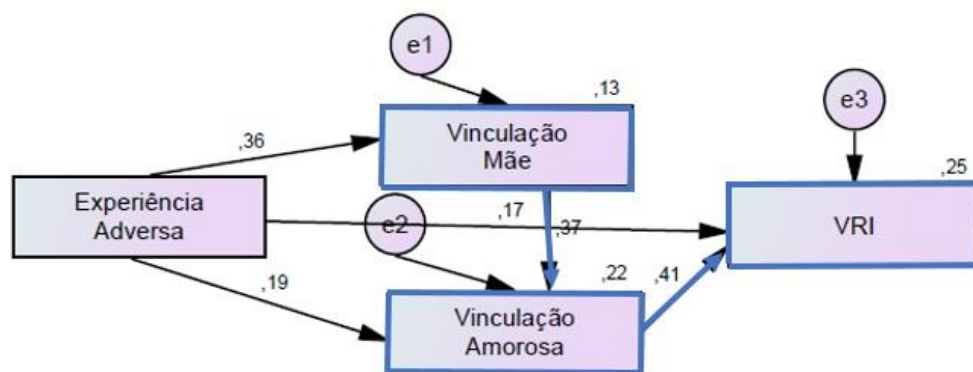


Figura 3. Predição da VRI pela vinculação à mãe e vinculação amorosa.

Quanto à hipótese 2.3. (espera-se que a associação entre experiências adversas precoces e VRI seja mediada pela qualidade de vinculação à mãe e ao par romântico), o modelo de pistas apresenta-se com bons índices de ajustamento ($X^2_{(1)} = 2.46$, $p = .12$; $X^2/GL = 2.46$; CFI = .99; GFI = 1; RMSEA = .07; CI 90% [.00 - .19], $p = .25$). O modelo explica 24,7% da variância. Todas as trajetórias são positivas e estatisticamente significativas. A variável experiência adversa apresentou um efeito total de .307 sendo o efeito direto de .174 e o efeito indireto mediado pela vinculação à mãe e ao par romântico é de .133. De acordo com o método de reamostragem de *bootstrap*, o efeito indireto é estatisticamente significativo ($p = .001$). Desta forma, verifica-se que a hipótese de mediação é confirmada.

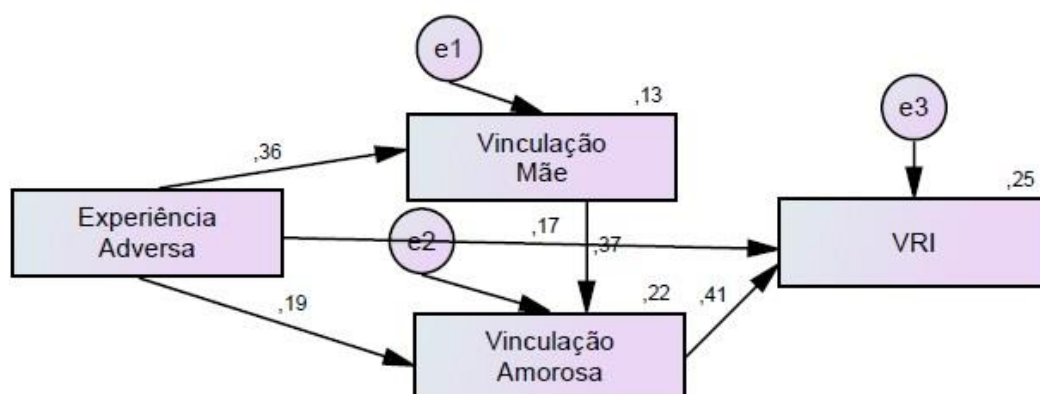


Figura 4. Modelo de mediação das experiências adversas na VRI pela vinculação.

Quanto à hipótese 4 (espera-se que a associação entre experiências adversas precoces e VRI seja moderada pela qualidade de vinculação à mãe e ao par romântico), foi realizado uma análise de equações estruturais para testar um modelo de moderação, recorrendo ao *software* AMOS. Para evitar possíveis problemas de multicolinearidade, todas as análises foram realizadas com as variáveis centradas previamente. A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de *Mahalanobis* (D^2) e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (sk) e curtose (ku) uni e multivariada. Verificou-se a existência de 53 observações que apresentaram valores de DM^2 que sugeriram que essas observações eram observações aberrantes (p_1 e p_2 inferior a .05), no entanto após serem retiradas essas observações, os resultados mantiveram-se. No que diz respeito à normalidade, nenhuma variável apresentou valores de sk e ku indicadores de violação deste pressuposto ($|sk| < 3$ e $|ku| < 10$). Apenas a normalidade multivariada apresentou um valor de curtose superior a 10 ($|ku| = 33.855$). Uma vez que o modelo é saturado, não se apresentam índices de ajustamento. Neste modelo, apenas as experiências adversas precoces e a qualidade da vinculação predizem significativamente a VRI, mais concretamente níveis superiores de experiência adversa ($\beta = .15$; $Z = 2.684$; $p = .007$) e níveis inferiores de qualidade da vinculação ($\beta = .38$; $Z = 6.702$; $p < .001$) predizem níveis superiores de VRI. O efeito de interação das variáveis experiência adversa e vinculação amorosa à VRI é de .02, sendo o efeito desta interação não significativo ($Z = .322$; $p = .747$). O mesmo se verifica na interação entre as variáveis experiência adversa e vinculação à mãe em que o seu efeito direto sobre a VRI foi de .06 e não significativo ($Z = 1.128$; $p = .260$). Assim sendo, pode-se verificar que a hipótese de moderação não se confirma.

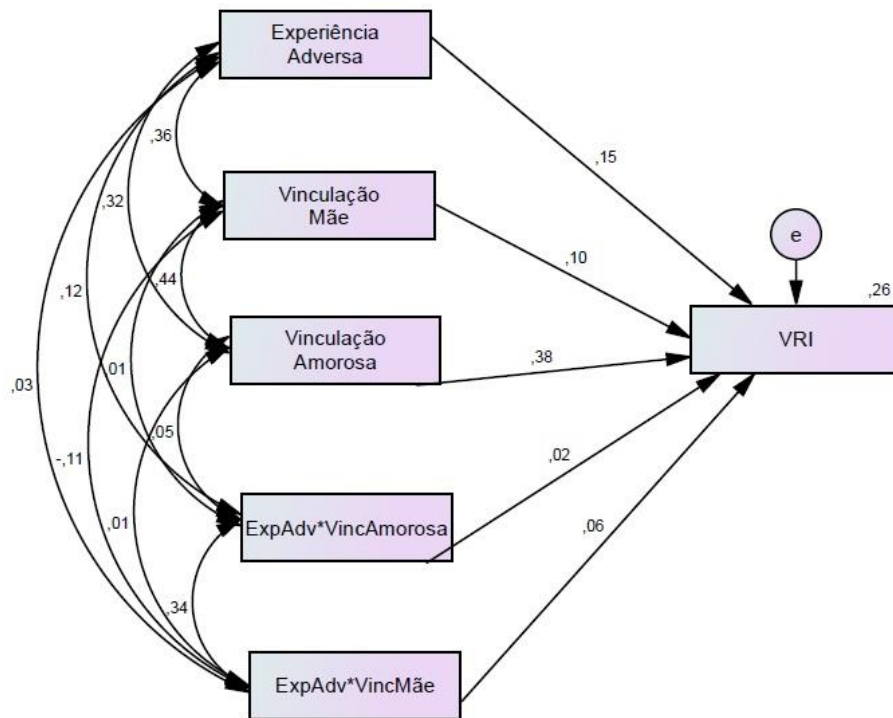


Figura 5. Modelo de moderação do efeito da interação entre as experiências adversas e vinculação na VRI.

As hipóteses exploratórias e *person-centered* 4 (espera-se que o estilo de vinculação desinvestido esteja associado a níveis superiores de abuso na infância comparativamente com o estilo de vinculação segura) e 5 (espera-se que o estilo de vinculação preocupado esteja associado a níveis superiores de negligência na infância comparativamente com o estilo de vinculação segura) foram testadas com base na análise de variância multivariada, ou seja, uma Manova, recorrendo ao *software SPSS Statistics*. Os padrões de vinculação foram identificados recorrendo a uma análise de *clusters*, com base nas variáveis inibição da exploração e da individualidade, qualidade do laço emocional e ansiedade de separação, procedimento já adotado por outros autores recorrendo ao instrumento em questão (ver Gouveia & Matos, 2011). A validade dos *clusters* foi analisada através de uma Manova e de uma análise discriminante que comprovaram que os *clusters* se distinguem entre si em função das referidas variáveis.

Verificou-se a existência de diferenças ao nível das experiências adversas na infância, em função dos padrões de vinculação (*Pillai's Trace* = .15, $F_{(6,614)} =$

8.52, $p = .000$; *partial eta squared* (h_p^2)¹ = .08). Estas diferenças foram encontradas quer ao nível do abuso ($F_{(3,307)} = 9.52$, $p = .000$; $h_p^2 = .09$), quer ao nível da negligência ($F_{(3,307)} = 14.56$, $p = .000$; $h_p^2 = .13$). Relativamente à hipótese 4, o estilo de vinculação desinvestido não se distinguiu do estilo de vinculação seguro, logo, a hipótese não se confirmou. No entanto, no sentido do que seria esperado, os desinvestidos revelaram níveis superiores de abuso comparativamente com os outros dois padrões inseguros (preocupado e amedrontado), o que revela que estes sujeitos tenderão a ter experienciado níveis superiores de abuso na infância. No sentido de melhor explorar estes resultados realizou-se uma Manova com as dimensões integração da experiência negativa e relato de ausência de memória do PAAQ, com o objetivo de explorar em que medida os sujeitos com padrão desinvestido poderão apresentar níveis superiores de relato de ausência de memória relativamente à sua infância. Os dados revelaram que sujeitos com vinculação desinvestida apresentaram níveis superiores de relato de ausência de memória comparativamente aos sujeitos com vinculação segura. Para além disso, verifica-se ainda que os sujeitos com padrão desinvestido revelam níveis inferiores de integração da experiência negativa passada, comparativamente com os sujeitos classificados com o padrão seguro. Estes resultados serão posteriormente discutidos no âmbito da discussão de resultados.

Quanto à hipótese 5, os resultados sugeriram que sujeitos com vinculação preocupada revelam níveis superiores de negligência comparativamente aos sujeitos com vinculação segura. Deste modo, a hipótese foi confirmada.

¹ A partir deste momento a expressão *partial eta squared* será sempre representada pelo seu símbolo h_p^2 .

Tabela 1

Padrões de vinculação seguro, desinvestido, preocupado e amedrontado: Médias e Desvios-Padrão abuso e negligência

	Seguro		Desinvestido		Preocupado		Amedrontado	
	(n = 97)		(n = 29)		(n = 83)		(n = 102)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Abuso	4.16	4.66	5.62	4.75	2.04	4.00	2.27	2.94
Negligência	4.43	4.29	7.55	6.24	2.59	3.30	2.90	2.83

Tabela 2

Padrões de vinculação seguro, desinvestido e amedrontado: Médias e Desvios-integração da experiência negativa e relato de ausência de memória.

	Seguro		Desinvestido		Preocupado		Amedrontado	
	(n = 72)		(n = 25)		(n = 39)		(n = 53)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
IENegativa	4.68	.68	3.62	.70	4.16	1.15	4.25	1.01
SMemória	2.42	1.17	3.06	.90	1.76	1.04	2.05	1.11

IENegativa - Integração da Experiência Negativa; SMemória - Sem Memória

Discussão

Com este estudo pretendeu-se contribuir para a compreensão da associação entre as experiências adversas na infância e a violência na relação de intimidade (VRI). Pretendeu-se também explorar a associação entre a vinculação e a VRI. Assim sendo, analisou-se o papel mediador e moderador da vinculação aos pais e ao par romântico. Os resultados permitiram confirmar que níveis superiores de experiência adversa predizem níveis superiores de violência na relação de

intimidade. Estes resultados são consistentes com estudos prévios que revelam que indivíduos que experienciaram adversidade na infância apresentam um risco acrescido de VRI (Bensley, Van Eenwyk & Simmons, 2003; Fang & Corso, 2007; Maneta, Cohen, Schulz & Waldinger, 2012; Roberts, McLaughlin, Conron & Koenen, 2011; White & Widom, 2003; Wolf & Foshee, 2003). Não obstante, este estudo pretendeu explorar as dinâmicas subjacentes à associação entre experiências adversas e VRI, nomeadamente no que diz respeito à vinculação.

Os resultados sugeriram que as experiências adversas na infância se refletem na insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico. Estes resultados são consistentes com evidência prévia de que crianças vítimas de maltrato ou que testemunharam violência familiar apresentam uma maior probabilidade de desenvolver uma vinculação insegura com os seus principais cuidadores, podendo esse tipo de vinculação manter-se na idade adulta (Godbout *et al.*, 2009; Riggs, 2010; Riggs & Kaminski, 2010). O mesmo se verifica no que diz respeito à insegurança na vinculação ao par romântico, ou seja, crianças com experiências adversas na infância apresentam, frequentemente, maiores dificuldades no relacionamento amoroso na idade adulta, consequentes de padrões de vinculação inseguros (e.g., Alexander, 1993; Crittenden, Partridges, & Claussen, 1991; McCarthy & Taylor, 1999; Wekerle & Wolfe, 1998 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003).

Na sequência do propósito de aprofundar a compreensão das dinâmicas subjacentes à associação entre experiência adversa e VRI, analisou-se em seguida a associação entre a insegurança na vinculação, quer à mãe quer ao par romântico, e a VRI. Como esperado, a insegurança na vinculação à mãe e ao par romântico predizem a perpetuação de violência na relação de intimidade. Contudo, se a vinculação ao par romântico é um preditor direto da VRI, a vinculação à mãe prediz a VRI mas mediada pela vinculação ao par romântico. Estes resultados vão ao encontro do suportado por Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Shorey, Cornelius & Bell, 2008) e Dutton e White (2012), que defendem que a qualidade das relações de vinculação estabelecidas com as figuras parentais tendem a exercer influência na qualidade do relacionamento amoroso na adolescência e idade adulta. Desta forma, sujeitos com experiências não securizantes com as figuras prestadoras de cuidados primários poderão vivenciar dificuldades nas relações de intimidade. Sujeitos com uma vinculação insegura, tendem a descrever os seus relacionamentos como sendo emocionalmente instáveis.

Alguns estudos sustentam também a associação entre a vinculação ao par romântico e a VRI. Um estudo de Rogers, Bidwell e Wilson (2005) revelou que sujeitos com vinculação insegura ao par romântico eram considerados mais abusivos em comparação com sujeitos com vinculação segura. Outros constataam ainda que sujeitos em relacionamentos íntimos mutuamente agressivos apresentaram uma vinculação romântica de estilo preocupado ou amedrontado. Mais ainda, sujeitos com vinculação evitante revelam níveis superiores de comportamentos sexuais coercivos nos relacionamentos íntimos, bem como um distanciamento psicológico face ao parceiro (Bookwala e Zdaniuk, 1998 *cit. in* Henderson *et al.*, 2005; Smallbone e Dadds, 2001 *cit. in* Levendosky *et al.*, 2012). O medo da perda e do abandono, o medo da rejeição e a insegurança poderão comprometer a qualidade de vinculação ao par romântico e a segurança experienciada na relação com este, refletindo-se numa maior predisposição para a VRI.

No que concerne ao efeito mediador da vinculação à mãe e ao par romântico na associação entre as experiências adversas e a VRI, confirma-se que a vinculação medeia esta associação. Mais ainda, o efeito da experiência adversa na VRI parece depender do seu efeito comprometedor na vinculação ao cuidador, por sua vez comprometedor da qualidade da vinculação romântica e que, consequentemente, se traduz num risco acrescido para a VRI. Apesar da ausência de estudos que testem especificamente o papel mediador da vinculação na associação experiência adversa – VRI, um estudo de Bifulco e colaboradores (2006 *cit. in* Hinnen, Sanderman & Sprangers, 2008) confirma o papel mediador da vinculação na associação entre as experiências adversas e a perturbação de humor, sendo os presentes resultados consistentes com esta dinâmica de mediação neste caso aplicada à VRI.

Os resultados não permitiram confirmar a hipótese de moderação (da vinculação à mãe e ao par romântico na associação adversidade – VRI). Embora a experiência adversa, a vinculação à mãe e a vinculação ao par romântico sejam, de forma independente, preditores da VRI, o mesmo não se verificou quanto aos efeitos de interação entre as experiências adversas e a vinculação à mãe e entre as primeiras e a vinculação amorosa. Verifica-se também que a vinculação ao par romântico é o melhor preditor da VRI.

A não confirmação dos efeitos de moderação poderá ser explicada pelo facto de nesta amostra serem, na maioria dos casos (66.7%), os próprios cuidadores ou figuras de vinculação os *responsáveis* pela experiência adversa. Assim sendo, na medida em que estas circunstâncias são comprometedoras da própria relação de vinculação que se estabelece entre o cuidador (neste caso a mãe) e a criança, tal compromete também o seu potencial efeito protetor, dificultando a *superação* adaptativa face às situações adversas experienciadas. De acordo com Lieberman (2004), a capacidade da criança recuperar dos efeitos negativos de experiências traumáticas é influenciada pela qualidade da vinculação e pela capacidade que os pais demonstram para responder com sensibilidade às suas dificuldades. Assim sendo, seria importante realizar estudos adicionais incluindo sujeitos com experiências de adversidade no contexto de outras relações que não com as figuras de vinculação primárias.

Para além das análises centradas na variável (*variable-centered*), analisaram-se também duas hipóteses focadas numa abordagem centrada no sujeito (*person-centered*). Procurou-se assim explorar a influência das diferentes experiências de adversidade precoces na vinculação. Embora se tenham verificado diferenças ao nível dos padrões de vinculação em função da especificidade da experiência adversa, ao contrário do esperado, os sujeitos com estilo de vinculação desinvestido não relataram níveis superiores de abuso quando comparados com os sujeitos com estilo de vinculação seguro. Não obstante, os desinvestidos relataram níveis superiores de abuso quando comparados com os estilos de vinculação preocupado e amedrontado. Para uma melhor compreensão destes resultados, realizaram-se análises adicionais, sendo possível verificar que os sujeitos com uma vinculação desinvestida relataram ausência de memória em relação às experiências da sua infância, bem como uma menor capacidade para integrar as experiências negativas. Assim, poderá considerar-se que estes resultados poderão refletir processos de exclusão defensiva (Ainsworth & Bowlby, 1991). Outros estudos constataam que sujeitos com vinculação desinvestida tendem a minimizar as experiências adversas na infância, assim como o seu impacto negativo (Jacobvitz, Curran & Moller, 2002; Muller, 2009). Neste caso, os resultados relativos à insistência na não lembrança das experiências da infância, principalmente as adversas, poderão sugerir o recurso a uma estratégia defensiva perante eventuais experiências negativas, permitindo a estes sujeitos um

distanciamento psicológico face às recordações emocionalmente ameaçadoras (Freyd, 1996, 2001 *cit. in* Muller, 2009; Main & Goldwyn, 1998 *cit. in* Jacobvitz, Curran & Moller, 2002; Shaver & Mikulincer, 2002).

No que respeita aos sujeitos com padrão seguro, os resultados parecem sugerir que estes serão capazes de superar de forma mais adaptativa as eventuais experiências negativas do passado, integrando-as de forma construtiva e tendendo ainda a não recorrer à exclusão defensiva destes conteúdos. De acordo com Rosmain, Padrón, Sroufe e Egeland (2002), sujeitos classificados como seguros/autónomos descrevem algumas experiências negativas, embora o façam de forma coerente. Pearson e colaboradores (1994 *cit. in* Rosmain *et al.*, 2002) apelidaram estes sujeitos como revelando um padrão de “earned-secure”, ou seja, estes sujeitos parecem superar experiências negativas na infância e/ou de uma parentalidade severa. Mais ainda, estes sujeitos podem relatar experiências adversas de uma forma reflexiva, sem ignorar o seu potencial impacto negativo e sem permanecerem *agarrados* às mesmas (Main e Goldwyn, 1994 *cit. in* Paley, Burchinal & Payne, 1999; Pearson *et al.*, 1994 *cit. in* Paley, Burchinal & Payne, 1999).

Verificaram-se também diferenças ao nível dos padrões de vinculação relativamente à negligência. O padrão de vinculação preocupado distingue-se do padrão de vinculação seguro, revelando níveis superiores de negligência na infância. Alguns estudos anteriores já haviam verificado que crianças negligenciadas tenderão a desenvolver uma vinculação insegura, mais propriamente, uma vinculação ansiosa/preocupada (Finzi, Cohen, Sapir & Weizman, 2000; Finzi, Ram, Har-Even, Shnit, & Weizman, 2001; Parish-Plass, 2008).

Ao longo da realização deste estudo foram identificadas algumas limitações. A amostra utilizada no estudo é uma amostra da comunidade em que os fenómenos da adversidade da infância e da violência podem estar sub-representados, pelo que será importante replicar o presente estudo com uma amostra em risco psicossocial. De modo a garantir o carácter parcimonioso das análises, apenas se usou a vinculação à mãe. Em estudos futuros importaria realizar análises recorrendo também à vinculação ao pai, procurando esclarecer o impacto relativo da vinculação à figura parental em função do género da mesma e ao género do sujeito. A utilização de instrumentos de auto-relato será outra limitação, associada ao

potencial efeito da desejabilidade social, risco acrescido se considerado que uma parte significativa dos sujeitos respondeu ao questionário em contexto de sala de aula. No presente estudo e para garantir um caráter mais parcimonioso das análises, foram usadas variáveis compósitas - o score total das experiências adversas, variáveis compósitas para a (in)segurança na vinculação e, finalmente, uma variável também compósita e cumulativa para a VRI. Estudos posteriores deveriam analisar as diversas especificidades associadas a estes fenómenos ou variáveis, não se focando apenas na sua globalidade. Desta forma, relativamente às experiências adversas importaria realizar uma análise que considerasse o efeito dos diferentes tipos de adversidade, como por exemplo o abuso físico, abuso emocional, exposição à violência, entre outros. Quanto à vinculação e à VRI importaria explorar diferentes configurações de comportamentos abusivos em função dos diferentes estilos de vinculação. No que diz respeito à VRI, conviria analisar os diferentes tipos de violência, incluindo o abuso verbal e emocional, a violência relacional, o comportamento ameaçador e controlador, entre outros. Uma outra limitação identificada prende-se com o facto de os próprios cuidadores ou figuras de vinculação serem os *responsáveis* pela experiência adversa. Neste sentido, em estudos futuros seria pertinente incluir na amostra sujeitos que experienciaram adversidade na infância quer pelos seus cuidadores, quer por sujeitos que não sejam os seus cuidadores ou figuras de vinculação. Mais ainda, seria de considerar outras relações, além das com os prestadores de cuidados primários, que pudessem configurar-se como relações de vinculação potencialmente securizantes.

Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de sensibilização e intervenção no fenómeno das experiências adversas na infância e seu impacto na configuração de organizações de vinculação inseguras. É fundamental que a intervenção junto de sujeitos que experienciaram interações adversas com cuidadores na infância, inclua a vinculação como um elemento integrante e central, contribuindo assim para a promoção de relacionamentos íntimos adaptativos. Importará também intervir não só na identificação de fatores de risco como também de fatores protetores e promotores de resiliência. Neste sentido, seria importante desenvolver programas de intervenção eficazes que permitissem aos sujeitos não só desenvolverem estratégias de *coping* relacionadas com a vitimização, mas também permitissem a aquisição de padrões adaptativos de regulação emocional.

Seria pertinente também a intervenção com os perpetradores (uma vez que poderão ter experienciado maltrato na infância) no sentido de, tal como referido anteriormente, desenvolverem estratégias de coping. Mais ainda, importaria intervir na reorganização das representações de vinculação através de uma abordagem centrada nas interações entre os cuidadores e os jovens.

Seria também importante a intervenção com os casais que necessitam de apoio (intervindo não só individualmente mas também em grupo) identificando os principais comportamentos abusivos e intervindo para a cessação dos mesmos. O medo da perda, do abandono e da rejeição deverão ser elementos integrantes de intervenção de modo a potenciar o estabelecimento de relacionamentos íntimos adaptativos. Para além disso, é fundamental também auxiliar e proteger os adolescentes e jovens a afastarem-se de relacionamentos violentos, trabalhando as estratégias de resolução de conflitos na relação de namoro, bem como as competências pessoais e relacionais. Mais ainda, é importante sensibilizar os jovens e a comunidade em geral para que denunciem situações de violência, bem como auxiliar e incentivar as vítimas e os agressores a recorrerem a ajuda. Deste modo, poder-se-ia recorrer à sensibilização através da distribuição de diversos tipos de panfletos (prevenção, sinais de alarme, entre outros), promover ações de sensibilização junto dos sujeitos possibilitando a discussão e reflexão sobre o tema da violência nas relações amorosas, entre outros.

Referências

- Afifi, T. O., & MacMillan, H. L. (2011). Resilience following child maltreatment: a review of protective factors. *Canadian journal of psychiatry. Revue canadienne de psychiatrie*, 56(5), 266-272.
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American psychologist*, 46(4), 333.
- Alberto, I. M. M. (2006). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina, 2006.
- Allison, C. J., Bartholomew, K., Mayseless, O., & Dutton, D. G. (2008). Love as a battlefield: Attachment and relationship dynamics in couples identified for male partner violence. *Journal of Family Issues*, 29, 125-150.
- Barbosa, R.; Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). As relações de vinculação e a imagem corporal: exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27, 273-282.
- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(1), 21-31.
- Bensley, L., Van Eenwyk, J., & Simmons, K. W. (2003). Childhood family violence history and women's risk for intimate partner violence and poor health. *American journal of preventive medicine*, 25(1), 38-44.
- Cabral, J. (2011). *Vinculação, Desenvolvimento Psicossocial e Adaptação à Universidade*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Tese não publicada.
- Cabral, J., Matos, P. M., Beyers, W., & Soenens, B. (2012). Attachment, Emotion Regulation and Coping in Portuguese Emerging Adults: A Test of a Mediation Hypothesis. *The Spanish journal of psychology*, 15(03), 1000-1012.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Cassidy, J., Phelps, J., Sibrava, N. J., Thomas, C. L., & Borkovec, T. D. (2009). Generalized anxiety disorder: Connections with self-reported attachment. *Behavior Therapy*, 40(1), 23-38.
- Dutton, D. G., & White, K. R. (2012). Attachment insecurity and intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 475-481.

- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence: developmental relationships. *American journal of preventive medicine*, 33(4), 281-290.
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 245-258.
- Finzi, R., Cohen, O., Sapir, Y., & Weizman, A. (2000). Attachment styles in maltreated children: A comparative study. *Child Psychiatry and Human Development*, 31(2), 113-128.
- Finzi, R., Ram, A., Har-Even, D., Shnit, D., & Weizman, A. (2001). Attachment styles and aggression in physically abused and neglected children. *Journal of youth and adolescence*, 30(6), 769-786.
- Gewirtz, A. H., & Edleson, J. L. (2007). Young children's exposure to intimate partner violence: Towards a developmental risk and resilience framework for research and intervention. *Journal of Family Violence*, 22(3), 151-163.
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships*, 16(3), 365-384.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). *Manual QVPM: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*. Acedido a 18 de Fevereiro de 2015, em <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>.
- Hamby, S., & Grych, J. (2013). *The Web of Violence* (pp. 9-66). New York: Springer.
- Henderson, A. J., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence*, 20(4), 219-230.
- Hinnen, C., Sanderman, R., & Sprangers, M. A. (2009). Adult attachment as mediator between recollections of childhood and satisfaction with life. *Clinical psychology & psychotherapy*, 16(1), 10-21.
- Howell, K. H., Graham-Bermann, S. A., Czyz, E., & Lilly, M. (2010). Assessing resilience in preschool children exposed to intimate partner violence. *Violence and victims*, 25(2), 150-164.

- Jacobvitz, D., Curran, M., & Moller, N. (2002). Measurement of adult attachment: The place of self-report and interview methodologies. *Attachment & Human Development*, 4(2), 207-215.
- Leça, A., Perdigão, A., Laranjeira, A., Menezes, B., Velez, C., Veloso, C., Oliveira, D., Branco, E., Jardim, H., Chaves, M. & Prazeres, V. (2011). *Maus Tratos em Crianças e Jovens, Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção*. Direção Geral Saúde, 6-52.
- Levendosky, A. (2013). Drawing Conclusions: An Intergenerational Transmission of Violence Perspective. *Psychodynamic Psychiatry*, 41(2) 351–360.
- Levendosky, A., Lannert, B., & Yalch, M. (2012). The effects of intimate partner violence on women and child survivors: An attachment perspective. *Psychodynamic psychiatry*, 40(3), 397-433.
- Lewis, M. M. (2010). Parental Conflict, Anger Control, and Dating Violence Perpetration Outcomes (Thesis Degree Master of Arts in Psychology). Faculty of San Diego State University. San Diego State University.
- Lieberman, A. F. (2004). Traumatic stress and quality of attachment: Reality and internalization in disorders of infant mental health. *Infant Mental Health Journal*, 25(4), 336-351.
- Maneta, E.K., Cohen, S., Schulz, M.S., & Waldinger, R.J. (2012). Links between childhood physical abuse and intimate partner aggression: The mediating role of anger expression. *Violence and Victims*, 27, 315- 328.
- Martinez-Torteya, C., Anne Bogat, G., Von Eye, A., & Levendosky, A. A. (2009). Resilience among children exposed to domestic violence: The role of risk and protective factors. *Child development*, 80(2), 562-577.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American psychologist*, 56(3), 227.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.

- Muller, R. T. (2009). Trauma and dismissing (avoidant) attachment: Intervention strategies in individual psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 46(1), 68.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paley, B., Cox, M. J., Burchinal, M. R., & Payne, C. C. (1999). Attachment and marital functioning: Comparison of spouses with continuous-secure, earned-secure, dismissing, and preoccupied attachment stances. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 580.
- Parish-Plass, N. (2008). Animal-assisted therapy with children suffering from insecure attachment due to abuse and neglect: a method to lower the risk of intergenerational transmission of abuse?. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 13(1), 7-30.
- Peres, A. (2011). *Adaptação do Instrumento "Perceptions of Adult Attachment Questionnaire" – PAAQ*. Universidade Lusófona do Porto. Tese não publicada.
- Rapoza, K. A. (2002). *Attachment theory as it relates to childhood abuse, and conflict resolution in dating couples*. Doctoral dissertation in philosophy, Boston University.
- Rapoza, K. A., & Baker, A. T. (2008). Attachment styles, alcohol, and childhood experiences of abuse: An analysis of physical violence in dating couples. *Violence and victims*, 23(1), 52-65.
- Riggs, S. A. (2010). Childhood emotional abuse and the attachment system across the life cycle: What theory and research tell us. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(1), 5-51.
- Riggs, S. A., Cusimano, A. M., & Benson, K. M. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment of dating couples. *Journal of counseling psychology*, 58(1), 126.
- Riggs, S. A., & Kaminski, P. (2010). Childhood emotional abuse, adult attachment, and depression as predictors of relational adjustment and psychological aggression. *Journal of aggression, maltreatment & trauma*, 19(1), 75-104.

- Roberts, A. L., McLaughlin, K. A., Conron, K. J., & Koenen, K. C. (2011). Adulthood stressors, history of childhood adversity, and risk of perpetration of intimate partner violence. *American journal of preventive medicine*, 40(2), 128-138.
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. *Análise psicológica*, 29(2), 185-200.
- Rogers, W. S., Bidwell, J., & Wilson, L. (2005). Perception of and satisfaction with relationship power, sex, and attachment styles: A couples level analysis. *Journal of family violence*, 20(4), 241-251.
- Roisman, G. I., Padrón, E., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2002). Earned–secure attachment status in retrospect and prospect. *Child development*, 73(4), 1204-1219.
- Saavedra, R. (2010). “Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis”, Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Shapiro, D. L., & Levendosky, A. A. (1999). Adolescent survivors of childhood sexual abuse: The mediating role of attachment style and coping in psychological and interpersonal functioning. *Child Abuse & Neglect*, 23(11), 1175-1191.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment & human development*, 4(2), 133-161.
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13(3), 185-194.
- Silva, S., & Maia, A. (2008). Versão Portuguesa do Family ACE Questionnaire (Questionário de História de Adversidade na Infância). In Noronha, A., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S., & Ramalho, V. (Coord.), *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios.
- Silva, S., & Maia, A. (2010). Experiências adversas na infância e tentativas de suicídio em adultos com obesidade mórbida. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – APRS*, 32, 69-72.
- Sousa, C., Herrenkohl, T. I., Moylan, C. A., Tajima, E. A., Klika, J. B., Herrenkohl, R. C., & Russo, M. J. (2011). Longitudinal study on the effects of child abuse

and children's exposure to domestic violence, parent-child attachments, and antisocial behavior in adolescence. *Journal of interpersonal violence*, 26(1), 111-136.

Ungar, M. (2012). *The social ecology of resilience* (pp. 127-198). New York: Springer.

White, H. R., & Widom, C. S. (2003). Intimate partner violence among abused and neglected children in young adulthood: The mediating effects of early aggression, antisocial personality, hostility and alcohol problems. *Aggressive behavior*, 29(4), 332-345.

Wolf, K. A., & Foshee, V. A. (2003). Family violence, anger expression styles, and adolescent dating violence. *Journal of Family Violence*, 18(6), 309-316.

Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13, 277-293.